



## RESENHA

**FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2017.**

**Maurício Silva**

Estudos sobre a relação entre literatura e ditadura são cada vez mais comuns e bem vindos, em tempos de "nostalgia" do período de exceção que vivemos há poucas décadas...

Baseada em Paul Ricoeur, Eurídice Figueiredo apresenta-nos um trabalho de investigação que considera o resgate daquilo que ocorreu durante a ditadura brasileira um verdadeiro *dever de memória*, ideia que impulsionou sua pesquisa sobre a literatura relacionada ao trauma da ditadura, a qual é tratada como *arquivos da ditadura*.

Considerando três momentos fundamentais na apuração das violências cometidas pela ditadura brasileira (o trabalho realizado pelo grupo “Brasil nunca mais”, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos e a Comissão Nacional da Verdade), além das pesquisas realizadas por jornalistas, historiadores e outros intelectuais (Elio Gaspari, Marcelo Godoy, Daniela Arbex, Rafael Guimaraens, Lucas Figueiredo etc.), a autora discute, do ponto de vista teórico, o conceito de *arquivo*, primeiro, conforme proposto por Jacques Derrida, para quem o *mal de arquivo* viria da pulsão entre a conservação e a destruição); segundo, conforme proposto por Pierre Nora, para quem o arquivo seria necessário a uma sociedade que não vive da memória, mas da história, sendo o arquivo, portanto, consequência da perda da memória; terceiro, conforme proposto por Michel Foucault, segundo o qual os arquivos são *sistemas de enunciados*, isto é, surgem por meio de jogos de relações que caracterizam o discurso, obedecendo a regularidades específicas. A autora afirma, nesse sentido, que “o arquivo não se confunde com a memória, pelo contrário, ele existe no lugar da memória. O arquivo é hipomnésico, ele é documento ou monumento, ou seja, os documentos escritos de toda ordem funcionam como elementos de arquivo” (p. 27).



Tratando especificamente da literatura sobre a ditadura, a autora afirma que essa relação não prescinde de uma reflexão sobre os conceitos de testemunho, trauma, exílio, memória etc. Para ela, contudo, o mais importante é a capacidade da literatura de, ao ficcionalizar o real, torná-lo mais evidente, já que, "a despeito do enorme trabalho realizado por historiadores e jornalistas [sobre a ditadura brasileira], só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação" (p. 43). E completa: "O documento e o monumento são importantes porque atestam o acontecido e servem como referência tanto para a memória coletiva quanto para a escrita da História. Contudo, essa escrita objetiva tende a homogeneizar para que seja fixada uma versão da História sem fissuras, ao passo que a Literatura, pelo viés da subjetividade, mostra resíduos de experiências fraturadas pela violência do vivido" (p. 44). Assim, é por meio do *arquivo* da ditadura (composto por textos literários, mas também não literários) que se pode fazer um "inventário das feridas e das cicatrizes que as torturas e as mortes provocaram em milhares de brasileiros" (p. 45).

Levando em consideração as condições de reelaboração da experiência traumática da ditadura, a autora dividiu a produção literária brasileira a esse respeito em três períodos distintos: um primeiro período (1964-1979), com textos que se apresentam ora utópica, ora distopicamente diante do fracasso dos projetos revolucionários, com o livro *Cartas da prisão*, de Frei Betto e os romances de Antonio Callado (*Quarup*, *Bar Don Juan*, *Reflexos do baile e Sempre viva*), além de *Pessach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony, *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós. Um segundo momento (1979-2000), caracterizado, principalmente, por relatos autobiográficos, com *O que é isso, companheiro* (Fernando Gabeira), *Os carbonários* (Alfredo Sirkis), *Batismo de sangue* (Frei Betto), *Tirando o capuz* (Álvaro Caldas), *Retrato calado* (Luiz Roberto Salinas Fortes), *Primeiro de abril* (Salim Miguel), *Memórias do esquecimento* (Flávio Tavares), *Tropical sol da liberdade* (Ana Maria Machado), *Amores exilados* (Godofredo de Oliveira Neto), *Em liberdade* (Silviano Santiago). Um terceiro e último período (2000-2016), de



caráter retrospectivo, transmutando o vivido por meio da literatura, com romances com histórias cruzadas: *Qualquer maneira de amar*, de Marcus Veras, *Tempos extremos*, de Miriam Leitão, *Vidas provisórias*, de Edney Silvestre; romances sobre o Araguaia: *Antes do Passado*, de Liniane Haag Brum, *Palavras cruzadas*, de Guiomar de Grammond, *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa; romances e relatos memoriais: *Volto semana que vem*, de Maria Pilla, *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende, *Não falei*, de Beatriz Bracher, *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva; romances sobre a Oban e a Operação Condor: *O punho e a renda* e *Damas da noite*, de Edgard Telles Ribeiro. Ainda nesse terceiro período, a autora situa romances como *Cabo de guerra*, de Ivone Benedetti, *A resistência*, de Julián Fuks, *Mar azul*, de Paloma Vidal e alguns romances de Bernardo Kucinski, a quem dedica um capítulo especial, destacando - sobretudo em seu romance *K* - a ocorrência de *personagens trágicos* e do *sentido trágico do livro*.

Afora a primeira parte do livro, em que nos deparamos com um alentado embasamento teórico, funcionando como suporte preliminar às considerações que se seguem; e afora o capítulo destinado à análise da produção de Bernardo Kucinski, em que se percebe maior empenho analítico e interpretativo, certamente em razão de se ter escolhido, ali, um *corpus* reduzido de trabalho; praticamente todo o livro se configura num grande manual de obra literárias que elegeram a ditadura como tema principal, sem que se vislumbre, especificamente nesta parte do livro, um esforço de mais profunda análise das obras relacionadas. Falta, aí, portanto, uma abordagem mais sistemática e mais crítica dos textos escolhidos, em vez de, como é o caso, mera descrição de seus enredos, com uma ou outra consideração de caráter mais interpretativo. O livro, contudo, não deixa de ser uma considerável contribuição para quem se interessa pelo assunto, servindo, inclusive, como uma espécie de inventário (termo utilizado pela própria autora, para se referir ao conceito nuclear, no livro, de *arquivo*) da produção literária brasileira acerca do regime ditatorial que aqui se instalara na década de sessenta.